

Resenha

A crítica da modernidade em *Meu Tio*, de Jacques Tati (TATI, Jacques. *Meu Tio (Mon Oncle)*. França, 1958)

Luis Fernando Tosta BARBATO¹

Jacques Tati, cineastas francês, criador do célebre Monsieur Hulot, trouxe em 1958 o filme *Meu Tio (Mon Oncle)*, que retrata o cotidiano de uma França recém-saída dos difíceis tempos de guerra e que se via envolta em um processo de modernização e industrialização.

Nesse cenário, podemos encarar o filme *Meu Tio*, de Jacques Tati como uma crítica à chamada modernidade que invadia uma Europa em reconstrução no pós-guerra, marcada pela influência dos Estados Unidos em diversos campos, como na arquitetura, na decoração, e no próprio estilo de vida do povo francês desse período. No filme de Tati, fica claro esse avanço da modernidade sobre o que pode ser considerado como tradicional francês, o que não significa que a França ainda não "modernizada" pelo American Way of Life deixou de existir, ela está lá, barulhenta, cheia de cores, cheia de vida, desorganizada, bem ao lado dessa França moderna, que se prepara para a industrialização, a padronização e as cores sóbrias da modernidade.

Logo na primeira cena, esse embate entre o arcaico e o novo se faz evidente, uma vez que mostra cães se divertindo em meio à desordem da parte velha da cidade, na qual impera o ócio (como podemos ver no varredor de rua que nunca consegue fazer seu serviço, ou no feirante que senta em um café e deixa sua barraca sozinha, não se importando para as consequências financeiras disso), a informalidade, a confusão, o canto dos pássaros, e a humanidade. No entanto, logo eles atravessam uma ruína que serve de nítida fronteira entre esse mundo tradicional e um mundo moderno, marcado pela impessoalidade, pelo trabalho, pela sincronia e pelo ruído das máquinas.

Tati no decorrer do filme nos dá uma série de elementos que mostram sua percepção de uma modernidade que desumaniza as pessoas, a começar pela arquitetura desse mundo além das ruínas. Essa "cidade moderna" é retrata com uma arquitetura

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: lfbarbato@gmail.com

extremamente fria, sóbria, sem vida, o que reflete as almas dessa parte da população (retratada na família Pichard, da qual falaremos mais tarde) que vivo sob o signo da modernidade.

Os prédios seguem todos um mesmo padrão: formas de caixotes colocados sobre vigas, feitos em concreto armado, sem pintura, na qual abundam o vidro e as vigas metálicas, pontos característicos da arquitetura moderna. Todas as construções parecem ser iguais no filme, a escola, a casa da família Pichard, a indústria Plastac, a rodoviária... todas seguem esses mesmos padrões da arquitetura moderna, retratada no filme como desprovida de humanidade.

Essa perda da humanidade, em prol do serial, do industrial, do artificial aparece em cenas como a que retrata o modo como todos dirigem sincronizados seus carros de modelos parecidos, na vaga demarcada na qual Charles Pichard estaciona precisamente seu veículo, ou no chafariz da casa dos Pichard, que é ligado de acordo com a importância social do visitante, o que mostra que essa modernidade que chegava homogeneizava somente aqueles que dela faziam parte, estando aqueles que não compartilhavam de seus preceitos alijados e inferiorizados (o vendedor de frutas, a vendedora de tapetes a qual a vizinha foi confundida, ou o próprio Hulot, considerado um representante do lado de lá das ruínas, e portanto, um invasor incômodo, são exemplos que atestam isso, uma vez que não vale a pena ligar o chafariz para eles).

Nesse sentido, de perda da humanidade dentro dessa vida moderna, a casa da Família Pichard é um exemplo dentro do filme. Assim que chega ao seu portão, o convidado escuta o ruído de um portão automático, o que já o antecipa ao mundo em que ele está penetrando, marcado por ruídos e objetos automáticos. Depois que penetra nesse ambiente, esse convidado se depara com um típico jardim moderno, marcado por formas geométricas, pouca vegetação e caminhos que conduzem o transeunte por onde o arquiteto pensou que ele deveria caminhar, tolhendo mais uma vez sua espontaneidade, vale ressaltar que esse jardim, apesar de belo, não é agradável ao estar, não há cobertura vegetal, estando seus frequentadores expostos ao sol e a um irritante barulho do chafariz que o tempo todo assola (pelo menos daqueles que merecem) os ouvidos daquele que ali estão. A própria casa, feita em forma de caixote, em concreto armado e de cores muito sóbrias, também mostra esse vazio da modernidade. Muito ampla, e pouco mobiliada, ela nos passa a percepção de ser um lugar voltado para as

aparências, uma vez que é projetada para ser vista, e não desfrutada. Prova disso está nos seus móveis, escolhidos pelas cores e pelo design, e não pelo conforto, desta maneira, as cadeiras são bonitas, mas baixas e desconfortáveis, o sofá idem, e o divã, para se tornar um pouco mais confortável e apto ao sono, deve ser tombado. Além disso, vale ressaltar os ruídos frequentes que assolam a casa dos Pichard, provocados por todo o aparato tecnológico que a casa possui. Apesar de repleta de cores, presentes nos móveis da casa, e de aparelhos que na teoria deveriam ajudar na vida cotidiana, a casa dos Pichard é fria e sóbria, passando a sensação de que as sensações visuais e a ostentação econômica devem prevalecer sobre tudo, inclusive sobre a concepção de lar como um lugar de descanso, conforto e paz.

Prova disso, são as comparações que podemos tecer entre a casa dos Pichard e a Plastac, indústria na qual o patriarca da família trabalha. Ao analisarmos as cenas que se passam dentro da indústria, temos as mesmas sensações que temos ao analisarmos as cenas da casa da família: espaços amplos e vazios, ruídos incessantes, que chegam a machucar os ouvidos, cores sóbrias, móveis belos e pouco funcionais. Ou seja, podemos inferir que dentro da ótica de Tati, essa modernidade yankee que invadia a França no pós-guerra trouxe um modelo de desenvolvimento em que as relações de produção acabavam por invadir todos os ambientes, ultrapassando aqueles destinados originalmente a eles e invadindo inclusive as vidas privadas. Era a modernidade homogeneizando todos aqueles de um modo que eles servissem à otimização, à produção, ao trabalho, à ordem, e não à informalidade, à pessoalidade, à espontaneidade, que imperavam nas tradicionais relações entre os habitantes das cidades francesas pré-modernas.

Essa cidade, totalmente distinta em sua arquitetura, em sua população, em seus modos de produção, em seus anseios é representada pela vila em que vive Monsieur Hulot, o "Tio" a que se refere o título do filme. O bairro em que Hulot vive é marcado por construções velhas e vivas, que abundam em cores, pessoas e sons (sons, e não ruídos), as pessoas vivem em um regime marcado pela espontaneidade e pela diversão, no qual o trabalho ocupa um lugar secundário. O próprio Hulot pode ser visto como um símbolo dessa França que perdia espaço para uma outra França moderna, desajeitado, fanfarrão, espontâneo e amável, ele é considerado uma ameaça para Charles Pichard à

educação de seu filho Gerdard, uma vez que ele serve como ponte entre uma velha França do atraso e a nova França do progresso a que o menino está exposto.

Preso entre esses dois mundos, a prova de que Tati critica essa modernidade está na preferência do menino pela velha França, com suas brincadeiras politicamente incorretas (e não a seus brinquedos industrializados), com seus matagais (e não jardins), seu lixo (e não limpeza), seus vira-latas (e não cães de raça), enfim, com sua espontaneidade e vida que se perderam nessa nova França que ganha corpo.

E nesse sentido, as cenas finais mostram um profundo desalento de Tati em relação ao futuro da França, pois mostra o avanço da modernidade sobre o bairro tradicional, que é brutalmente arrancado para ceder lugar às funcionais construções em estilo arquitetônico moderno da nova França. Duas cenas finais mostram o desalento de Tati frente à essa mudança: a impossibilidade de acender seu cachimbo com tradicional fósforo, sendo obrigado a utilizar o acendedor de cigarros do moderno veículo do cunhado, e a turba de pessoas distintas que caminham todas na mesma direção da rodoviária, todas portando bolsas iguais, padronizadas, mesmo sendo de classes sociais distintas, ou seja, era a França caminhando para a padronização moderna.

A própria mudança de Hulot da vila, para atender aos chamados da indústria mostra uma derrota do modo de vida tradicional, que ia embora com as pessoas na rodoviária, e era demolido ao som de picaretas, para ceder lugar a um novo modo de vida, funcional e produtivo, mas chato e sem vida.